

O LUGAR DO ADULTO COMO AUTORIDADE – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Heitor Mendes Chamusca Neto¹

RESUMO

O presente artigo visa apresentar pesquisa e abordagem técnica, sob o ponto de vista do autor, da uma vivência de experiência no exercício da autoridade pedagógica sob determinadas circunstâncias em classe de ensino fundamental. Para tanto, serão abordados conceitos como autoridade, adolescência, socialização e construção do espaço pedagógico. O artigo apresenta sua fundamentação com base na teoria psicanalítica contemporânea de Erik Erikson (1976, 1998), também conhecida por teoria psicossocial. Aborda ainda os estágios psicossociais de Erickson (1976,1998), assim como uma análise de uma ocorrência em espaço escolar no qual a autoridade do professor foi questionada perante os alunos e a equipe escolar, e como a ocorrência foi solucionada.

Palavras- chave: Autoridade. Adolescência. Teoria psicossocial.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar una investigación y un enfoque técnico, desde el punto de vista del autor, de una experiencia en el ejercicio de autoridad pedagógica bajo ciertas circunstancias en la escuela primaria. Por lo tanto, se abordarán conceptos como autoridad, adolescencia, socialización y construcción del espacio pedagógico. El artículo presenta su fundamento basado en la teoría psicoanalítica contemporánea de Erik Erikson (1976, 1998), también conocida como teoría psicossocial. También aborda las pasantías psicossociales de Erickson (1976, 1998), así como un análisis de un suceso en un espacio escolar en el que se cuestionó la autoridad del maestro ante los estudiantes y el equipo escolar, y cómo se resolvió el suceso.

Palabras clave: Autoridad. Adolescencia. Teoría psicossocial.

¹Graduado em Desenho Industrial/Uneb, licenciado em Letras com Inglês/FTC. Pós-graduado em Educação e Mídias Digitais com ênfase em Design Instrucional e Ambientes Virtuais de Aprendizagem/SENAI/CETIND, especialista em Gestão de Unidades Escolares/UNEB e em Língua Portuguesa/SEC/MEC. Mestre em Educação com formação em Educação Permanente pela Universidade do Salvador/USAL (Ar). Atuando como professor de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Redação na rede municipal de Camaçari e rede estadual/BA.

E-mail: heithorchamusca@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O professor indubitavelmente, ou pelo menos assim deveria ser, tem um papel de autoridade em sala de aula. Esta autoridade é delegada pela instituição na qual o indivíduo ocupa a função de professor e supõe-se que, para que o mesmo ocupe este lugar, tenha passado pelos cursos, estágios, testes e provas exigidos e desenvolvido as competências, saberes e habilidades necessárias para ocupar a função de ensinar.

Sendo assim, a autoridade pedagógica precisa ser construída ao longo do tempo em um processo do professor consigo mesmo e com o outro e não é inata, embora possa surgir de características de personalidade e certa predisposição para a função. Ser docente e exercer esta autoridade pedagógica dependem assim, também do reconhecimento do outro: da instituição, dos discentes e dos outros professores.

A construção da autoridade pedagógica depende também do docente desenvolver capacidade de adaptação, mediação, afetividade, controle de emoções, automotivação, percepção, sociabilidade, comunicação, organização, curiosidade e espírito investigativo e pesquisador, criatividade e assim por diante. São também fontes de autoridade pedagógica o conhecimento, pois o docente tem que saber seus conteúdos e precisa ter segurança do seu saber e experiência na transmissão deste saber. A construção de boas relações interpessoais e o estilo pessoal são ainda continuação da construção desta autoridade.

A autoridade pedagógica, assim como a autoridade do adulto tem sido questionada pelas novas gerações ao longo do tempo, cada vez com mais frequência, com maior intensidade e com maior liberdade extrapolando muitas vezes este questionamento para o desrespeito e a negação total desta autoridade. Indubitavelmente a “autoridade do mais velho” precisa ser questionada, precisa ser renovada, mas precisa também ser respeitada no que ela traz de bom e mesmo de novo e novidade para aquele outro que desconhecia determinado conhecimento.

Neste artigo descreve-se uma situação de conflito e desequilíbrio na em escola de ensino fundamental, localizada no município de Camaçari no estado da Bahia, Brasil, onde a autoridade do professor, que será chamado de “professor Y” é

questionada pelos estudantes e com foco em uma estudante especificamente, que será chamada de “estudante X”. Os desdobramentos com outros adultos envolvidos e ocupantes de determinados “lugares pedagógicos ou familiares”, tais como a coordenadora pedagógica da escola, que chamaremos apenas de coordenadora, a diretora da escola que chamaremos apenas de diretora e a “mãe da estudante X” também serão descritos no presente artigo.

Os comportamentos oriundos do presente conflito escolar aqui relatado, serão analisados com base na teoria psicanalítica contemporânea de Erik Erikson (1976,1998), conhecida por teoria psicossocial que se enquadra no quadro das teorias da personalidade.

A TEORIA APLICADA

A teoria psicanalítica contemporânea de Erik Erikson (1976,1998) também conhecida por teoria psicossocial se enquadra no quadro das teorias da personalidade. Em traços gerais é de se matizar que a personalidade é um conceito de índole dinâmica, global que vai entrosar com solidez, fatores biológicos específicos, como o temperamento e o carácter, apelando ao mesmo tempo para a unicidade e diferenciação do indivíduo.

[...] as teorias da personalidade são tentativas de formular ou representar aspectos significativos do comportamento dos indivíduos e que a produtividade dessas tentativas deve ser julgada principalmente em termos de quão efectivamente elas servem como um estímulo para a pesquisa.(HALL; LINDZEY, CAMPBELL, 2000, P.44)

Na Teoria Psicossocial, Erikson propõe uma concepção de desenvolvimento em oito estágios psicossociais, perspectivados por sua vez em oito idades que decorrem desde o nascimento até à morte, pertencendo as quatro primeiras ao período de bebê e de infância, e as três últimas aos anos adultos e à velhice.

1ª Idade: Confiança Básica Versus Desconfiança Básica

Nesta idade a criança vai aprender o que é ter ou não confiança, esta está muito relacionada com a relação entre o bebê e a mãe. O bebê ganha experiência no contato

com os adultos, aprendendo a confiar e a depender deles, assim como a confiar em si mesmo.

A desconfiança básica é a parte negativa deste estágio, que é equilibrada com a segurança proporcionada pela confiança. Este estágio é o da ritualização da divindade, na medida em que opera o senso do bebê da presença abençoada da mãe ao o olhar, tocar no fundo de seus sentimentos e em reconhecê-lo. São interações pessoais e culturalmente ritualizadas; a falta do reconhecimento pode trazer alienação na personalidade do bebê, um senso de abandono e separação. A forma perversa do ritual da divindade materna, se expressa na vida adulta pelo idolismo, em que a pessoa idolatra um herói.

2ª Idade: Autonomia Versus Vergonha e Dúvida

Durante este estágio a criança vai aprender quais os seus privilégios, obrigações e limitações. Há por ela, uma necessidade de autocontrole e de aceitação do controle por parte das outras pessoas, desenvolvendo-se um senso de autonomia.

O versus negativo deste estágio é a vergonha e a dúvida quando perde o senso de autocontrole, os pais contribuem neste processo ao usarem a vergonha na repressão da teimosia. A vontade tem origem na própria vontade treinada e no exemplo dado de vontade superior apresentado pelos outros, esta é responsável pela aceitação progressiva do que é permitido e necessário.

Os elementos desta são progressivamente aumentados pelas experiências ao nível da consciência, manipulação, verbalização e locomoção. A ritualização deste estágio é judiciosa, a criança julga-se a si e aos outros, diferenciando o certo do errado e às pessoas ditas diferentes, formando-se a base ontogenética da alienação humana, a espécie dividida, que Erikson designou como pseudo-espécie, a origem do preconceito humano. O ritualismo perverso é o legalismo, em que a punição vence a compaixão.

3ª Idade: Iniciativa Versus Culpa – Idade de Brincar

Equivale ao estágio psicosssexual genital-locomotor, é o da iniciativa. Uma era de crescente destreza e responsabilidade. Nesta fase a criança encontra-se nitidamente mais avançada e mais organizada tanto a nível físico como mental. É a

capacidade de planejar as suas tarefas e metas a atingir que a define como autônoma e por consequência a introduz nesta etapa.

Este estágio define-se também como perigoso, pois a criança busca exaustivamente e de uma forma entusiasta atingir as suas metas que implicam fantasias genitais e o uso de meios agressivos a manipulativos para alcançar a essas metas. Ela encontra-se num estado de ansiedade porque quer aprender bem e a partir daqui ampliar o seu sentido de obrigação e desempenho. A sua principal atividade é o brincar e o propósito é a virtude que surge neste estágio de desenvolvimento.

Este chamado propósito define-se como o resultado do seu brincar, das suas tentativas e dos seus fracassos. Para além dos jogos físicos com os seus brinquedos, ela constrói também os chamados jogos mentais tentando imitar os adultos e entrando no mundo do faz de conta. O objetivo deste jogo é tentar perceber até que ponto ela pode ser como eles.

O poder da imaginação e a forma desinibida como o faz é fulcral para o desenvolvimento da criança. Esta terceira idade, também apelidada por “idade de brincar” é assinalada pela ritualização dramática. “O propósito, então, é a coragem de imaginar e buscar metas valorizadas não inibidas pela derrota das fantasias infantis, pela culpa e pelo medo cortante da punição.”(ERIKSON Apud., HALL; GARDNER; CAMPBELL, 2000: p.172).

4ª Idade: Diligência Versus Inferioridade

Nesta fase a criança necessita controlar a sua imaginação exuberante e dedicar a sua atenção à educação formal. Ela não só desenvolve um senso de aplicação como aprende as recompensas da perseverança e da diligência.

O prazer de brincar, o interesse pelos seus brinquedos são gradualmente desviados para interesses por algo mais produtivo utilizando outro tipo de instrumentos para os seus trabalhos que não são os seus brinquedos. Também neste estágio existe um perigo eminente que se caracteriza pelo sentimento de inferioridade aquando da sua incapacidade de dominância das tarefas que lhe são propostas pelos pais ou professor.

Ao longo deste estágio da diligência desponta a virtude de competência, isto porque os estágios anteriores proporcionaram uma visão, embora que não muito nítida, mas futura em relação a algumas tarefas. Nesta fase ela sente-se pronta para conhecer e utilizar os instrumentos e máquinas e métodos para desempenhar o trabalho adulto, trabalho esse que implica responsabilidades como ir à escola, fazer as tarefas de casa, aprender habilidades, de modo a evitar sentimentos de inferioridade. “A competência, então, é o livre exercício da destreza e da inteligência na conclusão de tarefas, não prejudicado pela inferioridade infantil”.(ERIKSON Apud., HALL; GARDNER; CAMPBELL, 2000: p.172).

5ª Idade: Identidade Versus Confusão/Difusão

O quinto estágio ganha contornos diferentes devido à crise psicossocial que nele decorre, ou seja, Identidade Versus Confusão. É de lembrar que o termo crise não tem neste contexto uma acepção dramática, visto tratar-se de algo pontual e localizado com pólos positivos e negativos,

[...] uma mudança decisiva, um momento agudo de desequilíbrio. A noção está, portanto associada às noções da continuidade ou da descontinuidade do desenvolvimento, e à própria validação do conteúdo dos estádios. (DORON; PAROT, 2001: p.196)

Esta 5ª idade localiza-se usual e aproximadamente dos 12 aos 18/20 anos, ou seja, na adolescência, puberdade, precisamente na idade em que na vertente positiva, o adolescente vai adquirir uma identidade psicossocial, isto é, compreende a sua singularidade, o seu papel no mundo.

Não se pode encarar os diferentes estágios como estanques isolados, logo as fases anteriores irão deixar marcas que vão influenciar a forma como se vivência esta crise, desembocando uma perspectiva histórica na qual o adolescente se vai perceber e integrar elementos identitários adquiridos nas idades anteriores (MONTEIRO; SANTOS, 2001: p.38). Exemplo deste parágrafo é a identidade, que se forma numa continuidade e une as diferentes transformações num processo cumulativo de desenvolvimento.

Neste estágio os indivíduos estão recheados de novas potencialidades cognitivas, exploram e ensaiam estatutos e papéis sociais, devido à sociedade fornecer este espaço de experimentação ao adolescente. É neste âmbito que ressalta um dos conceitos eriksonianos que ajuda a conferir tanta relevância a este estágio, ou seja, a moratória psicossocial.

Esta moratória é um compasso de espera nos compromissos adultos. É um período de pausa necessária a muitos jovens, de procura de alternativas e de experimentação de papéis, que vai permitir um trabalho de elaboração interna.(MONTEIRO; SANTOS, 2001: p.56).

Sendo assim, o adolescente antecipa o seu futuro, explora alternativas, experimenta, dá um tempo. As necessidades pessoais, as exigências socioculturais e institucionais caracterizam a moratória.

Um grande número de adolescentes tem uma evolução incompleta por terem entrado excessivamente rápido na vida adulta, sem um amadurecimento interior, que só poderia ter sido facultado por uma boa vivência neste estágio e nos seus diferentes aspectos.“Embora a construção da identidade se realize ao longo do ciclo da vida, constitui uma tarefa específica desta idade” (MONTEIRO; SANTOS, 2001: p.38).

Eis outro ponto que confere bastante importância a este estágio, visto que é neste que se dá a construção da identidade, o sentimento da identidade, o qual é conforme Erikson (1976,1998).A identidade dá assim um sentido histórico à existência, a qual se constrói tendo por base as representações feitas sobre nós, bem como as interações e os confrontos entre as representações que os outros fazem de nós e as que nós fazemos de nós próprios.

O ego neste estágio tem a peculiaridade de apurar e inteirar talentos, aptidões e habilidades na identificação com pessoas semelhantes a nós e na acomodação ao ambiente social. A chave para a resolução da crise de identidade que pode fazer com que o adolescente se sinta isolado, vazio, ansioso e indeciso, reside assim, na interação com pessoas significativas, que são escolhidas e são parte integrante da construção da sua identidade adulta.

6ª Idade: Intimidade Versus Isolamento

Em grosso modo pode-se afirmar que esta idade ocorre dos 18/20 aos 30 e tantos anos, e na qual o jovem almeja estabelecer relações de intimidade com os outros e adquirir a capacidade necessária para o amor íntimo. No concernente ao sexto estágio, que se refere à intimidade versus Isolamento, há a dizer, a título introdutório, que:

[...] os jovens adultos estão preparados e dispostos a unir a sua identidade a outras pessoas. Eles buscam relacionamentos de intimidade, parceria e associação, e estão preparados para desenvolver as forças necessárias para cumprir esses cumprimentos, ainda que para isso tenham de fazer sacrifícios. (HALL; LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p.174)

Este estágio caracteriza-se pelo fato de pela primeira vez o indivíduo poder desfrutar de uma genitalidade sexual verdadeira, mutuamente com o alvo do seu amor. Tal situação deve-se à realidade de que o indivíduo, nos estágios anteriores, limitava-se à demanda da identidade sexual e a um anseio por intimidades efêmeras.

É então a idade de jovem adulto que, com uma identidade assumida, possibilita o estabelecer de relações de intimidade com os outros, em que o amoré a virtude dominante do universo, pois apesar de estar presente nos estágios anteriores, neste estágio ganha nova textura.

A força do ego depende do parceiro com que está preparado para compartilhar situações tão peculiares como a criação de um filho, a título exemplificativo. Os indivíduos encaram a tarefa desenvolvimental de construir relações com os outros numa comunicação profunda expressa no amor e nas relações de amizade. A vertente negativa traduz-se no isolamento de quem não consegue partilhar afetos com intimidade nas relações privilegiadas.

Ainda na ótica destes autores, um senso temporário de isolamento é uma vantagem para a realização de escolhas, todavia, isso pode culminar em graves problemas de personalidade. No tocante a este sexto estágio referimos para concluir, que à luz dos eruditos contemporâneos Calvin S. Hall, Gardner Lindzey, John B. Campbell.

A ritualização correspondente desse estágio é a associativa, isto é, um compartilhar conjunto de trabalho, amizade e amor. O ritualismo correspondente, o elitismo, expressa-se pela formação de grupos exclusivos que são uma forma de narcisismo comunal (HALL; LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p.174)

7ª Idade: Generatividade versus Estagnação

É um dos mais extensos estágios psicossociais e resume-se no conflito entre educar, cuidar do futuro, criar e preocupar-se exclusivamente com os seus interesses e necessidades. Usualmente dá-se desde os 30 aos 60 anos, não havendo porém, uma idade comum a todas as pessoas. (RODRIGUES, 2001, p.283).

A questão chave na 7ª idade pode formular-se de várias formas: “Serei bem sucedido na minha vida afectiva e profissional? Produzirei algo com verdadeiro valor? Conseguirei contribuir para melhorar a vida dos outros?”. A generatividade denota a possibilidade de se ser criativo e produtivo em diversas áreas da vida.

Bem mais do que educar e criar os filhos representa uma preocupação com o contentamento das gerações seguintes, uma descentração e expansão do Ego empenhado em converter o mundo num lugar melhor para viver, como tal, a generatividade representa o desejo de realizar algo que nos sobreviva. (RODRIGUES, 2001, p.280).

Se o desenvolvimento e descentração do Ego não ocorrem, ou seja, se se dá o fracasso na expansão da generatividade, o indivíduo pode estagnar preocupar-se quase unicamente com o seu bem-estar e a posse de bens materiais. O egocentrismo é para Erikson, sinônimo de ineficácia e de decadência vital precoce. O egocêntrico fecha-se nas suas ambições e pouco ou nada dá de si aos outros. A virtude própria deste estágio é o cuidado, a inquietação com os outros, o querer fazer algo por alguém.(RODRIGUES, 2001: p.283)

8ª Idade: Integridade Versus Desespero

A última idade do desenvolvimento psicossocial é marcada por um olhar retrospectivo, que faz com que, ao aproximarmo-nos do final vida sentamos a necessidade de aquilatar o que dela fizemos, revendo escolhas, realizações, opções e fracassos. (Luís Rodrigues, 2001: p.283) Nesta etapa da vida a questão que se

coloca é “Teve a minha vida sentido ou falhei?”. Esta última idade ocorre frequentemente a partir dos 60 anos.

Na duplicidade emocional «integridade versus desespero», a integridade indica que o indivíduo considera positivo o seu percurso vital, ou seja, toma consciência que a vida teve sentido e que foi feito o melhor possível dadas as circunstâncias e as suas capacidades. (Luís Rodrigues, 2001: p.280) Reconcilia-se com a mágoa e a angústia, e encara a existência como algo positivo.

Se a avaliação da existência é negativa, se sentimos que desaproveitamos o nosso tempo e não concebemos quase nada, existe o desejo de retroceder, de readquirir as oportunidades perdidas, de reformular opções e escolhas. Ao conjecturar que é demasiado tarde, pode instalar-se o desgosto, a angústia, o pânico da morte. (RODRIGUES, 2001: p.283) A ritualização neste último estágio, pode ser chamada de *integral*. Ao tentar encontrar um ritualismo correspondente, Erikson sugere que asabedoriaé a virtude resultante da última fase da vida, a percepção de que não vivemos em vão. “A sabedoria, então, é a preocupação desprendida com a vida em si”. (ERIKSON 1998 apud. HALL; GARDNER; CAMPBELL, 2000, p.175).

Depois de referenciadas as oito idades, não podemos deixar de assinalar a importância do Ego na diferenciação dos indivíduos, observando criticamente as diferenças de pensamento entre Erikson e Freud. Na abordagem das etapas do desenvolvimento psicossocial de Erikson daremos uma maior atenção à 5ª Idade (Identidade versus Confusão), sem no entanto, esquecer as restantes, pois como teremos oportunidade de confirmar, o erudito (Erikson) prezava muito este estágio devido a ser uma fase fulcral na construção da identidade. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma negativa, não sendo necessário considerar “crise” como “drama”. A crise, o conflito fazem parte do processo.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A Escola Municipal aqui apresentada fica localizada em um bairro da orla da cidade de Camaçari, cidade da região metropolitana de Salvador/BA. A escola fica

próxima das margens, da foz e do estuário do rio Joanes na praia de Busca Vida, uma das mais belas praias do litoral baiano. Os estudantes da escola são, em geral, filhos de empregados do comércio e de serviços locais, filhos de pescadores, filhos de caseiros e trabalhadores das casas ricas de Busca Vida, filhos de operários da construção civil e filhos de funcionários públicos. Também, filhos de moradores de condomínios de classe média que estão crescendo na região, frequentam a escola.

A população mais pobre reside nas proximidades de outro bairro denominado “Mutirão” onde existe, infelizmente, como em outras regiões de favela, domínio do tráfico de drogas e invasões frequentes e violentas da polícia. No entanto, estes eventos lamentáveis (tráfico e invasões policiais) tem diminuído bastante pelo crescimento urbano e a ocupação da classe média em condomínios com segurança particular.

O “professor Y” vinha ministrando a aula e os estudantes reclamavam do conteúdo repetitivo e pediam mais um momento lúdico com brincadeiras (pediam **mais um** momento lúdico, porque momentos lúdicos anteriores já haviam sido feitos). Embora o professor admitisse a necessidade de atividades mais descontraídas, insistia na atenção da sala para aquele assunto específico, pois nem tudo se aprende brincando ou de forma lúdica, tem conteúdos que são realmente um tanto aborrecidos, precisam de atenção e esforço para serem aprendidos. Além disto, haviam sido feitos acordos na sala que não estavam sendo cumpridos pelos estudantes. Um destes acordos foi à ocupação de lugares definidos e marcados, pois isto evita a constante movimentação de carteiras durante as aulas.

O “professor y” pediu que todo sentassem em seus devidos lugares, sobretudo duas estudantes que estavam sentadas juntas com a visível intenção de conversar sobre assuntos alheios a aula. Além disto, alguns outros estudantes estavam com celulares ligados e fones nos ouvidos, ações que já haviam sido discutidas no grupo e resolvido em conjunto, que não deveriam ocorrer em sala.

Diante do pedido do professor para que as duas estudantes voltassem para seus lugares (sendo que elas se recusaram a voltar a seus lugares), o restante da sala resolveu que aquilo era injusto, iniciaram uma série de conversas, risadas, gritos

e o professor resolveu que as estudantes deveriam mesmo voltar para seus lugares, pois isto já era um acordo anterior. Algumas estudantes em especial a “estudante X” de 13 anos de idade continuaram questionando, rindo e perturbando a aula e o professor resolveu que os que estavam impedindo o andamento da aula permaneceriam depois do término da mesma para conversar com a coordenadora.

No final da aula, os estudantes citados permaneceram e ao chegar à coordenadora, a mesma pediu que os estudantes se colocassem, sendo que a “estudante X” afirmou que “não tinha feito nada”. Neste momento o “professor Y” interrompeu e descreveu as atitudes da estudante e foi interrompido pela mesma que disse: “Eu não estou falando com você (professor), estou falando com a coordenadora”.

O “professor Y” então foi bastante duro, pois se sentiu desautorizado, falou alto e energicamente com a “estudante X” que começou a choramingar. A coordenadora se surpreendeu com a atitude do professor, embora compreendesse que a atitude da “estudante X” tenha sido de desrespeito, mas nada justificava a elevação de voz da parte do “professor Y” que notadamente ainda que momentaneamente perdeu o equilíbrio e o controle das emoções tornando-se agressivo e impaciente.

Em La adolescencia, etapa a la que prestótambién particular atención, La formación de La identidad es un foco de atención primordial. Las personas a lo largo de su vida se preguntan "¿quién soy yo?", pero esta pregunta em la adolescência adquire características de crisis. La adolescencia es como un período de confusión y angustia en que se experimenta con alternativas antes de optar por una serie de valores y metas. Los adolescentes experimentan diversas identidades em La familia, em La escuela, entre los compañeros, em los clubes o em movimientos políticos. Durante este período, lo que los adolescentes consideraron una vez como dado es ahora cuestionado; a través de um proceso de búsqueda interior, cambian las características que definieron El yo en La niñez y lãs combinan com nuevos compromisos. La búsqueda de La identidad es el rasgo más destacado de La personalidad adolescente, y de su hallazgo depende el paso a una edad adulta feliz y productiva. (RUIZA, FERNANDEZ, TAMARO, 2004)

Afinal, é necessário compreensão do estágio das crianças e adolescentes envolvidas em um processo educacional e espera-se principalmente da parte do professor, que o mesmo tenha conhecimento do seu papel. Para Lacan (1987), no “estádio de espelho” a criança reconheceem primeiro lugar, “o Outro”, a mãe, caso seja esta, é claro, que esteja próxima à criança e em seguida se reconhece.

No entanto, este reconhecimento da mãe em primeiro lugar, se dá com o reconhecimento de um “grande Outro”, inclusive por isto se escreve este “grande Outro” com O maiúsculo. Na sala de aula o professor funciona como um espelho e assume o papel deste “grande Outro”. O “grande Outro” é diferente dos demais colegas na sala de aula. É para este “grande Outro” que dou a “diferença da palavra”. A palavra que vem dele precisa ter uma autoridade diferente e reconhecida. Por isto e por outros motivos o professor não pode perder o equilíbrio, mas professores são humanos e passíveis de falhas que podem ser corrigidas com a maior brevidade possível.

A função do estádio do espelho revela-se para nós... Como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade... A noção objetiva da incompletude anatômica do sistema piramidal... Confirma a visão que formulamos como o dado de uma verdadeira prematuração específica do nascimento no homem. (LACAN, 1987, p.30-31).

Antigamente a figura paterna do professor ou qualquer outra autoridade, principalmente masculina, era inquestionável. No entanto ao longo do tempo os abusos e distorções desta “postura e energia masculinas” descambaram para o excesso de autoridade e autoritarismo e para ações cruéis como guerras e repressão. Hoje a postura que se é pedida é a de que todo poder seja questionável e que seja passível de questionamento, seja de onde for que surjam estes questionamentos, inclusive e principalmente, talvez, das crianças e dos adolescentes. Em outros tempos, as crianças não tinham voz e os papéis eram estagnados: O pai, a mãe, a criança... As crianças “não se metiam em conversa de adultos”. Não tinham e nem deveriam ter opinião.

Hoje o lugar da criança está preservado, pois é necessário que sua posição de criança seja considerada, mas os direitos a expressão e ao crescimento sem opressão também estão assegurados e precisam ser respeitados.

Os papéis de homem ou mulher, por exemplo, não estão mais tão bem definidos (homem = provedor X mulher = dona de casa) como anteriormente e se prioriza que as pessoas MUDEM DE LUGAR, que não fiquem parados em um só lugar. No mundo do trabalho para o qual as crianças e jovens estão recebendo formação, exige-se

trabalhadores flexíveis, com estilo próprio e respostas rápidas para execução de projetos em curto prazo. O certo é que os nossos jovens estarão submetidos a não parar em um só lugar para não estancar.

O professor em sala de aula hoje precisa competir com educação à distância, comunicação à distância, espaços virtuais... Tudo isto interfere na relação docente estudante. Surgem as seguintes indagações: Como se constrói a autoridade diante de um novo cenário? Como o professor deve construir a sua autoridade pedagógica? Quando surge a crise, como se deve agir?

A “mãe da menina X” foi chamada pela coordenadora a pedido da própria menina. Afinal “o grande Outro” para “a estudante X” é mesmo a sua mãe. Mesmo a palavra do pai, inicialmente, precisa ser validada pela mãe. E, se a autoridade que o pai exerce sobre a criança, só é validada pela mãe, a autoridade do professor também precisa ser validada pelos pais que dizem em suas casas: - “Vá para a escola, faça os deveres e siga as orientações dos professores.” No caso desta mãe, foi colocada a sua separação do pai da “estudante X”, ficando claro para o “professor Y” que participava da reunião, o conflito pessoal em que se encontrava a “estudante X” em algum momento com a autoridade paterna.

Se for a mãe quem autoriza a criança a receber orientação da escola e dos professores, logicamente esta mãe estava revoltada, pois não é justo e nem esperado que um professor “grite” com seus estudantes. No entanto, foi explicada as atitudes da “estudante X” que antecederam ao fato e a forma desrespeitosa como a mesma se dirigiu ao “professor Y” que já estava estressado em função das circunstâncias anteriores de comportamentos diversos dos outros estudantes e alheios à disciplina e ao equilíbrio pré-estabelecido, e isto, de forma especial naquele dia.

A mãe da “estudante X” entendeu a situação, mas não aceitou, pois realmente é inaceitável para qualquer pai, e assim precisa ser, que qualquer outro grite com seu filho, cabendo a cada pai e mãe, enquanto autoridade paterna, evitar também a o máximo atitudes como gritos ou pancadas nos filhos.

O professor reconheceu que havia exagerado e só lhe restava reconhecer o erro, pedir desculpas aos estudantes e pais, mas também na posição de professor solicitar que fossem vistas as posturas que os estudantes estavam tomando em sala, observar o descumprimento das regras e solicitar que os mesmos com orientação da instituição e de suas famílias se disponibilizassem a “cumprir as regras do jogo”, evitando também desrespeitar o professor com suas atitudes e amadurecendo seus comportamentos em sala de aula. Isto também faz parte do processo educacional.

Diante da situação ficou estabelecido que os comportamentos fossem revistos, os estudantes da sala ocupariam os lugares que haviam sido previamente estabelecidos nos acordos iniciais com a própria turma. Outros acordos que haviam sido estabelecidos como o não uso de celulares e fones e que não estavam sendo observados, também seriam cumpridos evitando assim aborrecimentos e conflitos entre o professor e os estudantes. O professor se comprometeria também a ter mais calma, evitar dirigira fala em um tom mais alto para os estudantes e ser mais paciente.

O professor reconheceu que havia se excedido e com isto procurou mesmo em uma nova circunstância pedir desculpas pelos seus excessos à sala e assim por diante, saindo um pouco do seu lugar de “autoridade máxima”. A mãe da estudante, no entanto, ao sair da sala da coordenação, em uma atitude velada, da mesma forma como a sua filha “a estudante X”, havia mandado o professor “calar a boca” quando em sala de aula o mesmo a interrompeu em sua conversa com a coordenadora, ameaçou o professor; mencionando outro professor que havia sido demitido pela diretora anterior.

De certa forma, esta atitude da mãe, a quem cabia é claro, ficar do lado da filha, iludiu a ambas no que se refere ao “poder pessoal” de cada uma diante do que é justo ou injusto. Mesmo os outros estudantes, em uma atitude infantil e vingativa se viram com isto, com poderes para “demitir o professor”.

Sendo assim, na outra semana ouve um novo conflito e uma nova crise na mesma sala de aula envolvendo “a mesma estudante X”. Como desta vez a maioria dos estudantes imbuídos do poder que lhes havia sido dado pela coordenadora e pela mãe da estudante de terem, juntas, “chamado a atenção do professor”, e o colocado

no seu lugar de “possível demitido” e de “submisso à direção” (formada inclusive por mulheres, pois a coordenadora e a diretora e as mães são todas mulheres e a questão de gênero tem influência que precisa ser vigiada) se uniram e resolveram todos ir queixar-se a coordenadora sobre as atitudes do “professor Y”. A mesma “estudante X”, no início desta nova aula, com o visível intento de tumultuar, havia dado alguns gritos, sempre que o professor virava as costas para o quadro.

O professor havia ouvido a estudante, mas para não mandá-la novamente sair da sala e ficar parecendo que havia certa “perseguição”, resolveu pedir a estudante que colaborasse e apagasse o quadro. A estudante respondeu: - Não sou sua empregada! E neste momento recebeu todo o apoio da sala que queria evitar a continuação da aula e o trabalho de escrever, além do esforço para compreender o novo assunto.

Dentro da sua visão dos fatos, e para não perder o seu lugar de professor e de autoridade pedagógica construída ao longo do tempo, o “professor Y” resolveu encaminhar novamente a mesma “estudante X” para a direção, após ter verificado com outros colegas dela, que era ela mesma quem estava gritando na sala no início da aula.

A estudante foi até a coordenação após breve tumulto em sala de aula, pois o professor insistia que os estudantes retornassem aos seus lugares estabelecidos em acordos iniciais que novamente não estavam sendo cumpridos e, devido aos comportamentos, resolveu também abater da nota dos envolvidos no conflito uma determinada pontuação abaixando a nota da unidade dos envolvidos. Os estudantes aproveitando-se da situação de “liderança” infantil e vingativa da “estudante X” foram todos fazer queixa do professor na sala da coordenação reclamando do ponto que lhes foi tirado. Desta vez, várias mães foram chamadas e foi explicado o comportamento dos estudantes em sala que não queriam cumprir os acordos pré estabelecidos como a marcação de lugares e a não utilização de celulares e fones.

A criança, interiorizando a Lei, identifica-se com o pai e faz dele seu modelo. A Lei torna-se então libertadora: pois, separada da mãe, dispõe de si mesma, toma consciência do que se deve fazer e se orienta em direção ao futuro. Insere-se no social, na Cultura e entra na linguagem. (LACAN, 1987, p.75).

Algumas mães compreenderam o que estava acontecendo e o envolvimento dos filhos no conflito exclusivamente para não saírem do “espírito de grupo”. Embora muitos dos estudantes que reclamavam não tivessem comportamentos censuráveis pelo professor, pois sempre foram estudantes que cumpriam seus deveres e cumpriam os acordos, eles se propuseram a defender os colegas que eles acreditavam estarem sendo injustiçados.

O “professor Y”, conforme foi dito, abaixou um ponto na média dos estudantes que estavam tumultuando a sala e houve uma revolta geral. Alguns pais compareceram para terem esclarecimentos, e o “professor Y” explicou que os estudantes que se envolveram em tumultos para prejudicar o andamento das aulas tinham este comportamento desde o início do ano e que alguns outros que tinham anteriormente bom comportamento e estavam se envolvendo nos tumultos, tiveram inclusive diminuição no rendimento diminuindo a qualidade nos trabalhos apresentados e por isto tiveram suas notas diminuídas.

A mãe da “estudante X” estava revoltadíssima e acreditando que havia perseguição por parte do “professor Y”, exigiu da coordenadora e da diretora que a nota da sua filha voltasse a ser a mesma, pois, de acordo com esta mãe, após a conversa com a diretora, não se pode subtrair ponto de uma nota que já havia sido dada.

O “professor Y” novamente se sentiu ameaçado em sua autoridade pedagógica, pois a mãe disse que iria até o secretário de educação do município, pois já havia conversado com a coordenadora e com a diretora e que se não fosse tomada uma providência que ela iria até o secretário de educação.

O “professor Y” ficou então indignado com o grau de intromissão de pais e mesmo da direção da escola em questões disciplinares que só podem ser sentidas por quem está na sala no dia a dia, que se dispôs a acompanhar a mãe até o secretário de educação e também ao sindicato de professores, pois em sala de aula determinadas decisões são do professor e não da administração seja em qual esfera for. O secretário resolve as questões da secretaria, a direção as questões

administrativas da escola, a coordenadora assuntos pedagógicos e o professor precisa ter certa autonomia em sala de aula.

A mãe da “estudante X” e a coordenadora em nome da direção se sentiram então também desautorizadas e a coordenadora lembrou ao professor que ele tinha realmente autonomia em sala de aula, mas que estava sob a supervisão da direção e coordenação e que era arbitrário “tirar pontos já dados” e que já haviam sido lançados na caderneta. O “professor Y” tentou então encontrar um meio termo, pois não abriria mão de sua autoridade em sala de aula e de, neste momento, punir aos estudantes que já vinha se excedendo em seus comportamentos e resolveu então que a subtração do ponto em questão ocorreria na próxima unidade e que no decorrer do processo, avaliaria a mudança de comportamento dos estudantes envolvidos.

Ficaram então satisfeitas todas as partes: A “estudante X” e os demais estudantes envolvidos em gritarias e confusões não tiveram sua nota abaixada nesta unidade, mas sabiam que já iniciavam a nova unidade com menos pontos e que precisariam melhorar seu comportamento.

A “estudante X” também recebeu o pedido de desculpas diretamente do professor que reconheceu que se excedeu ao falar alto com ela. Inicialmente ela se propôs a não aceitar como quem diz: “vou continuar é bagunçando e fazendo o que quero, pois você não tem nenhuma autoridade sobre mim”, mas, no entanto, quando percebida e sinalizada esta postura pelo “professor Y” para a mãe da estudante, esta advertiu a menina que mudou de posição e aceitou as desculpas se colocando disposta a colaborar.

A mãe conseguiu que sua filha não tivesse sua nota abaixada, também aproveitou para conversar com a filha a respeito das atitudes que ela vinha tendo principalmente com relação a necessidade de respeitar o professor e com isto novamente o “grande Outro” cumpriu seu papel, pois a partir deste instante, autorizada pela mãe, a menina passou a tratar o professor com respeito.

O professor voltou a ter o controle da sua sala de aula, pois os estudantes voltaram a cumprir os acordos (não sem esforços) e ter um melhor comportamento

em sala de aula; também não abriu mão de sua autoridade pedagógica simplesmente “obedecendo” a vontade de adolescentes, pais e direção com intimidações de perda de cargo. Coordenação e direção cumpriram seus papéis de mediadores sem terem seus poderes e autoridades diminuídos diante de nenhuma das partes.

CONCLUSÃO

O conhecimento por parte dos professores da teoria os ajuda, e muito, na abordagem e análise de comportamentos em conflitos escolares e em tudo em suas jornadas pedagógicas permitindo-lhes uma atitude adulta e equilibrada diante de situações conflituosas e inesperadas. Ainda que os professores como seres humanos passíveis de falhas possam ocasionalmente perder o equilíbrio, isto pode e deve ser evitado e entender a si mesmos e aos outros em suas diferentes fases da vida ajuda muito a manter a paz individual e coletiva.

Podemos enfrentar variados conflitos escolares tomando por base uma teoria com vista a uma melhor compreensão dos ímpetus de cada um. No conflito escolar narrado cada indivíduo falava de um lugar: O lugar de estudante, o lugar de professor, o lugar de mãe, o lugar de coordenador, o lugar de diretor... Cada uma das personalidades falava de um estágio que lhe é próprio e onde as suas necessidades, suas crises de identidade e sua necessidade de poder e de autoridade lhe é próprio. A teoria ajuda a identificar isto e “distribuir” a cada um, o que lhe é de direito, respeitando a todos e reconhecendo em cada estágio o seu desejo de autoridade a ser respeitado pelo outro, restabelecendo assim o equilíbrio.

BIBLIOGRAFIA

DORON, R.; PAROT, F. **Dicionário de psicologia**. Trad. do gabinete de tradução da Climepsi Editores. 1ª ed. Lisboa: Climepsi Editores. 2001.

ERIKSON, E.H. **Identidade: Juventude e crise** (2ª ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. 1976.

_____. **Infância e sociedade** (2ª ed.) (G. Amado, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. 1976.

_____. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. organização e tradução de Roberto Machado. -Rio de Janeiro: Edições Graal, 4 ed.1979.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. (2000) – **Teorias da Personalidade**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora. 2000.

LACAN, J. ; **As formações do inconsciente**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit. 1999.

_____. Saber, verdade e opinião. In: J. Lacan, **Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (M. C. I. Penot, trad., 2ª ed.; pp. 22-40). Rio de Janeiro: Zahar. 1987.

MONTEIRO, M.; SANTOS, M. **Psicologia**. 1ª e 2ª parte. 1ª ed. Lisboa: Porto Editora. 2002.

NOACK, J. **A idéia de identidade sob uma perspectiva semiótica**. GALAXIA, n. 12, v. 6. 2006.

_____. **Reflexões sobre o acesso empírico da teoria de Erik H. Erikson**. Interação em Psicologia, n. 11, v. 1.2006.

RABELLO, E. e Passos, J. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>>no dia 30 de setembro de 2007.

RUIZA, M., FERNÁNDEZ, T. y TAMARO, E. Biografia de Erik Erikson. **Biografías y Vidas. La enciclopedia biográfica en línea**. Barcelona (España). 2004. Disponível em <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/e/erikson.htm>Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

RODRIGUES, L. **Psicologia**. 1º Volume. 2ª ed. Lisboa: Plátano Editora. 2001.